

PORQUE SE DEVE ANUNCIAR EM "A DEFESA NACIONAL"

- 1 — A vida de um anúncio, nesta Revista, é maior do que em outra publicação qualquer, porque:
 - a) Ela circula em todos os Estados do Brasil;
 - b) Seus exemplares passam por muitas mãos e são lidos, pelo menos, por dez vezes mais do que o número de assinantes;
 - c) Depois de lida, constitui fonte permanente de informações, porque, sendo uma Revista técnica é colecionada por todos, o que não acontece com as revistas puramente mundanas;
 - d) Vive num meio de ponderável capacidade aquisitiva, a que o anúncio, muitas vezes, não chega senão através desta Revista.
- 2 — Se sua existência de 51 anos não fôsse bastante como prova de seu sólido prestígio, melhor atestado não haveria que o Aviso de 22 de janeiro de 1947, em que o Exmo. Sr. General Ministro da Guerra recomenda "A Defesa Nacional" ao interesse do Exército em face de sua utilidade incontestável para as classes armadas.

TABELA DE ANÚNCIOS

<i>Página</i>	<i>Cr\$</i>
Inteira	90.000
1/2	60.000
1/4	40.000
2ª capa	110.000
3ª capa	120.000
Contracapa	130.000

Observações : •

Clichês à parte.

Matéria redigida mais 100%.

EXERCÍCIO DE GUERRA REVOLUCIONÁRIA

(APONTAMENTOS DE UM ÁRBITRO)

Pelo Major Inf JOSÉ MAURY DE ARAUJO SILVA

(Oficial de Estado-Maior)

EXPICAÇÃO NECESSÁRIA

Na verdade, muito já se tem estudado, meditado e escrito sobre a Guerra Revolucionária. E não resta dúvida de que o assunto é apaixonante e merece as freqüentes preocupações que dá, atualmente, aos táticos e estudiosos da arte da guerra. Existe vasta literatura, focalizando táticas, métodos e processos de guerrilhas, de guerra psicológica — seja na guerra revolucionária, seja na insurrecional.

Vamos deixar aos mestres definirem, conceituarem e analisarem semelhanças e diferenças entre os vários tipos de guerras modernas. Agora nos propomos a relatar despretensiosamente, sem atavios, os resultados dos nossos apontamentos, como árbitro de uma das mais interessantes manobras a que temos assistido. Trata-se da Manobra de Guarnição do Recife, realizada em 1964, sob a direção do Cmt da 7ª RM-7ª DI — o Exmo. Sr. General Antonio Carlos da Silva Muricy.

Esclarecemos que nem a forma literária, nem a linguagem regulamentar ou doutrinária, foram objeto das nossas preocupações. Aqui aparecerão apontamentos esparsos, tomados no próprio campo, sobre a prancheta, à medida que os fatos se desenrolavam. Pareceria, assim, mais o esboço de um mau artista do que uma pintura pronta, acabada.

PRELIMINARES

Em face da prorrogação do tempo normal de incorporação do contingente do Grupamento A, viu-se a 3ª Seção do EMR-7 diante da necessidade de elaborar documentos regulando o prosseguimento da instrução nas OOMM. Complementou-se, pois, de maneira objetiva e atual, a Diretriz anteriormente baixada pela RM.

Como coroamento dessa instrução, recém-ativada, e considerando-se que o contingente vivera uma fase bem diferente, uma experiência nova, durante os acontecimentos de março e abril, — determinou o

Cmt da RM a realização do Exercício de Combinação de Armas e Serviços, previsto pela DGI regional de 1964. Para o início dos trabalhos pelo seu EM, baixou a seguinte Diretriz, simples e incisiva:

“O Exercício deverá comportar duas fases distintas:

1ª. fase — Quadros no terreno.

2ª. fase — Exercício de Campanha, com a participação da tropa da Gu do Recife, subordinada à 7ª RM-7ª DI.

Deverá ser feita a montagem dentro de um clima de Guerra Revolucionária, explorando-se a atuação de um GT na limpeza de um eixo que assegure a ligação entre dois grandes centros. Deverá ainda incluir-se, no final, uma ação de cêrco”.

Além dessa Diretriz, ainda recomendou particularmente:

“Usem a imaginação! Fugam das situações convencionais! Não se esqueçam, um só momento, de que iremos viver um clima de imprevistos, de ações ousadas de guerrilheiros, — surpreendendo, não se deixando engajar, incomodando de dia como de noite, desaparecendo aqui no terreno, para surgir inopinadamente à frente, à retaguarda ou onde menos se possa prever ou imaginar.”

Teve de trabalhar exaustivamente a 3ª Seção, buscando realizar algo novo, já que não se poderia socorrer de notas e documentação de anos anteriores, de manobras passadas, feitas à base da guerra convencional. Criou-se, então, uma Situação Geral simples: o partido comunista buscava apossar-se do poder, estimulado sobretudo por fatores econômicos e pela mudança da direção política, como resultado das eleições presidenciais; com a eclosão do movimento revolucionário, vê-se o Governo Federal na contingência de declarar “estado de sítio”, o que lhe permite controlar a situação no Sul, enquanto que no Nordeste o inimigo consegue dominar algumas áreas e organizar até mesmo forças regulares; bandos de guerrilheiros agitam o interior, conseguindo adeptos, aterrorizando os descontentes e contando, em algumas regiões, com o beneplácito da indiferença comodista da massa inculta.

Era essa a situação na área, quando o Comando do IV Exército, decretada a intervenção federal, assumiu o contróle da Zona de Operações. Formaram-se cinco Comandos Estaduais, decretando-se a mobilização geral.

Segundo a técnica, os documentos seguintes davam conta da evolução dos acontecimentos no Nordeste, procurando-se sempre apresentar situações, quando não prováveis, ao menos perfeitamente possíveis. Assim é que do sul foi enviado um GT para integrar o Comando Estadual n. 4 e familiarizar-se com a concepção geral das operações. Me-

rece atenção o fato de que o GT escolhido para essa difícil missão desconhece a região de operações, o que, por certo, influirá ponderavelmente no desenrolar dessas (e fica este aspecto como tema meditação).

Em linhas gerais, a missão dada foi:

“Atuar no mais curto prazo, na direção....., a fim de assegurar por aí, a todo custo, uma ligação com a cidade de

Destruir os bandos inimigos em sua zona de ação.

Em..... e ficar em condições de ser empregado na destruição de e”
(estas seriam duas áreas em que os comunistas já haviam conseguido estabelecer-se com tropas regulares).

Não pretendemos falar da farta e bem cuidada documentação que ilustra e instrui o tema: Quadro de Trabalho, Anexos de Logística, de Informações, de Comunicações, Planos de Arbitragem e de Figuração Inimiga são alguns dos documentos normais, sempre presentes, mais ou menos pormenorizados, conforme a orientação do Chefe e o interesse do seu EM.

Também haveremos de nos deter muito pouco na reprodução de algumas anotações da 1ª fase do Exercício. Bastará assinalar que, durante duas penosas jornadas sucessivas, estiveram presentes no campo, desde os coronéis comandantes de unidades até os aspirantes estagiários. E afirmamos que poucas vezes fomos testemunhas de tanto interesse em torno de um exercício de campanha.

Efetivaram-se estudos de situação, reconhecimentos, reuniões de EM, etc., evitando-se, sempre que possível, excessivo academicismo, buscando-se obter um cunho de realidade e dando-se, enfim, em todos os escalões, expansão exuberante à imaginação.

Como complemento da 1ª fase, realizou-se em sala uma Crítica, a qual também fugiu dos moldes convencionais. Fêz-se com realismo um bem cuidado Trabalho de Comando de GT, no qual, sem formalismo, estudou-se e discutiu-se a missão, fazendo-se sua análise. Os “S”, os Cmt de Armas de apoio, e os demais participantes emitiram opiniões, apresentaram conclusões, estudaram linhas de ação, até que fôsse emitida a Decisão do Cmt do GT. O “teatrinho” ganhou, em expressão e em valor, por não ter sido ensaiado; mas isto gerou situações curiosas, e obviamente estas aumentaram ainda mais o realismo.

2ª FASE — ASPECTOS CURIOSOS

A 2ª fase é a que se constitui em novidade, com vasta gama de ensinamentos úteis, diversificados, e de improvisações necessárias, indispensáveis em tal tipo de exercício. Como é natural, procuraremos

fugir dos lugares comuns, das NGA de manobras, porquanto este trabalho se destina a militares, afeitos aos problemas típicos. Se formos obrigados a uma ou outra citação de fato corriqueiro será, naturalmente, para atender à conveniência de algum esclarecimento, de ilustrar alguma passagem mais curiosa. Vamos, pois, aos fatos que caracterizaram esta fase.

Uma manhã, bem cedo, lá estávamos em nosso jipe da arbitragem, esperando surgir a tropa numa volta da estrada. Já havia muito que a figuração inimiga se largara na frente a preparar as suas "surpresas". De repente, tivemos nossa atenção despertada por uma camioneta repleta de civis, entre os quais reconhecemos alguns agentes da 2ª Seção; mas, pouco duraria nossa estranheza, imbuídos que estávamos daquela fórmula — "usem a imaginação"... De modo que admitimos, sem maiores considerações, que a Figuração fizera tábua rasa das suas instruções, impostas pela Direção de Manobra, e resolvera representar a ação de guerrilheiros realizando emboscadas. A Figuração, assim procedendo, estaria dificultando a ação dos árbitros, os quais deveriam conhecer as "regras do jogo" de ambos os partidos, a fim de interferir, ajustar, informar, — "dando realidade ao exercício, fazendo com que êsse se desenrolasse no ritmo previsto e com a evolução natural e razoável das operações". Todavia, estávamos diante de fatos que se configuravam e que iriam exigir providências.

Só então começavam a surgir as surpresas. É que em breve se apresentava o chefe da Figuração, conduzindo um "sertanejo" com seus típicos trajés nordestinos.

Major, êste é o Cap Fulano, do 7º RO-105. Êle chefia um bando de contraguerrilheiros. Nossa Figuração está tôda descoberta. Os incidentes até agora preparados já foram revelados e a tropa está sendo devidamente informada. Não há tempo para nova preparação...

Apuramos então que o 14º RI usara o mesmo expediente, o que explicava a presença dos agentes que assinaláramos, todos homens da confiança do atual Cmt daquela unidade (ex-E2 do IV Ex). Havia homem puxando carneiro, cortando cana, auxiliando na reparação da estrada, e de tais modos e formas que já nem era possível distinguir guerrilheiros, contraguerrilheiros ou cidadãos comuns, em seus afazeres diários normais. O jeito seria usar também a imaginação e passar a viver clima diferente do que fôra planejado. Caberia agora à Direção de Manobra e, principalmente, à Arbitragem, controlar as situações imprevistas e imprevisíveis. De uma breve reunião da Arbitragem, resultou:

1. Obedecer ao planejamento somente em suas linhas mestras, essenciais ao desenrolar do exercício.
2. Determinar à Figuração que desencadeasse os principais incidentes, mudando-se os locais anteriormente escolhidos, e que procedesse de acôrdo com a conduta das operações.

3. Agir a Arbitragem com o máximo de liberdade, criando ou removendo incidentes, funcionando inclusive como Figuração (quando necessário), prendendo guerrilheiros, contraguerrilheiros e pessoal da tropa, enfim, modificando situações, etc.

4. Dar imediata conta, sempre que possível, à Direção de Manobra, de todos os seus atos e providências.

Por meio da rede rádio, instalada ao longo dos eixos de progressão, foi solicitada e obtida a devida autorização e passou a Arbitragem a trabalhar com mais ampla liberdade de ação.

Vale a pena destacar algumas ocorrências, que nos pareceram inéditas.

Certa vez, estava a Figuração tranqüilamente montando o primeiro incidente, relacionado com a abordagem daquele local em determinada hora. Despreocupação absoluta, já que o inimigo andava por longe. Eis que aparece um matuto, trazendo pela mão um garotinho, e na linguagem simples de sertanejo vai molemente puxando uma conversa despretensiosa com os elementos da Figuração; pouco a pouco, colhia informes e mais informes sobre todo o trabalho ali realizado... Acreditamos mesmo que só não lhe foi dado o Quadro da Figuração pela pressuposição de que ele seria analfabeto... Pois aquele sertanejo era um sagaz agente do 14º RI. Descoberta a trama, havia necessidade de retardar a tropa para dar tempo a se fazer nova montagem. Obtivemo-lo, danificando pontes que, segundo a Engenharia, só dariam passagem a viaturas depois de duas horas de reparos; e criando incidentes não previstos, que obrigassem a ponta e o escalão de reconhecimento a fazerem desbordamentos.

Estes fatos trouxeram conseqüências e ensinamentos proveitosos, como no caso do destemido Ten do 7º Esq Rec Mec que, ao tomar conhecimento da inutilização da ponte sobre o Capibaribe, viu-se na iminência de não cumprir a missão com seus carros de combate; então, desembarcou, procedeu a exaustivos reconhecimentos, reforçou como pôde um velho pontilhão abandonado, que servira a uma usina canavieira, e finalmente com o arrôjo natural da Arma, arrancou-se, indo surpreender inclusive a Arbitragem atenta, rompendo célere pela frente dos elementos da Figuração. Foi preciso tirá-lo de situação por algumas horas, para que a manobra pudesse prosseguir!

Doutra feita, preparava-se emboscada para a Artilharia. Ocultos nos canaviais, os guerrilheiros deixaram que passasse a Infantaria e, ao se aproximar o Grupo do RO, fizeram destruir a ponte, o que obrigou ao desembarque imediato dos elementos mais avançados. Um grupo de Oficiais aproximou-se para reconhecer o local, com isto descuidando-se um pouco da segurança, favorecendo aos guerrilheiros, sempre prontos a se aproveitarem de qualquer descuido. Neste caso, foi somente à custa de ousada manobra de viaturas e de penosa, embora eficiente, ação da Segurança que os Oficiais do Grupo escaparam

fugir dos lugares comuns, das NGA de manobras, porquanto este trabalho se destina a militares, afeitos aos problemas típicos. Se formos obrigados a uma ou outra citação de fato corriqueiro será, naturalmente, para atender à conveniência de algum esclarecimento, de ilustrar alguma passagem mais curiosa. Vamos, pois, aos fatos que caracterizaram esta fase.

Uma manhã, bem cedo, lá estávamos em nosso jipe da arbitragem, esperando surgir a tropa numa volta da estrada. Já havia muito que a figuração inimiga se largara na frente a preparar as suas "surpresas". De repente, tivemos nossa atenção despertada por uma camioneta repleta de civis, entre os quais reconhecemos alguns agentes da 2ª Seção; mas, pouco duraria nossa estranheza, imbuídos que estávamos daquela fórmula — "usem a imaginação"... De modo que admitimos, sem maiores considerações, que a Figuração fizera tábua rasa das suas instruções, impostas pela Direção de Manobra, e resolvera representar a ação de guerrilheiros realizando emboscadas. A Figuração, assim procedendo, estaria dificultando a ação dos árbitros, os quais deveriam conhecer as "regras do jogo" de ambos os partidos, a fim de interferir, ajustar, informar, — "dando realidade ao exercício, fazendo com que êsse se desenrolasse no ritmo previsto e com a evolução natural e razoável das operações". Todavia, estávamos diante de fatos que se configuravam e que iriam exigir providências.

Só então começavam a surgir as surpresas. É que em breve se apresentava o chefe da Figuração, conduzindo um "sertanejo" com seus típicos trajés nordestinos.

Major, êste é o Cap Fulano, do 7º RO-105. Êle chefia um bando de contraguerrilheiros. Nossa Figuração está tôda descoberta. Os incidentes até agora preparados já foram revelados e a tropa está sendo devidamente informada. Não há tempo para nova preparação...

Apuramos então que o 14º RI usara o mesmo expediente, o que explicava a presença dos agentes que assinaláramos, todos homens da confiança do atual Cmt daquela unidade (ex-E2 do IV Ex). Havia homem puxando carneiro, cortando cana, auxiliando na reparação da estrada, e de tais modos e formas que já nem era possível distinguir guerrilheiros, contraguerrilheiros ou cidadãos comuns, em seus afazeres diários normais. O jeito seria usar também a imaginação e passar a viver clima diferente do que fôra planejado. Caberia agora à Direção de Manobra e, principalmente, à Arbitragem, controlar as situações imprevisas e imprevisíveis. De uma breve reunião da Arbitragem, resultou:

1. Obedecer ao planejamento somente em suas linhas mestras, essenciais ao desenrolar do exercício.
2. Determinar à Figuração que desencadeasse os principais incidentes, mudando-se os locais anteriormente escolhidos, e que procedesse de acôrdo com a conduta das operações.

3. Agir a Arbitragem com o máximo de liberdade, criando ou removendo incidentes, funcionando inclusive como Figuração (quando necessário), prendendo guerrilheiros, contraguerrilheiros e pessoal da tropa, enfim, modificando situações, etc.

4. Dar imediata conta, sempre que possível, à Direção de Manobra, de todos os seus atos e providências.

Por meio da rede rádio, instalada ao longo dos eixos de progressão, foi solicitada e obtida a devida autorização e passou a Arbitragem a trabalhar com mais ampla liberdade de ação.

Vale a pena destacar algumas ocorrências, que nos pareceram inéditas.

Certa vez, estava a Figuração tranqüilamente montando o primeiro incidente, relacionado com a abordagem daquele local em determinada hora. Despreocupação absoluta, já que o inimigo andava por longe. Eis que aparece um matuto, trazendo pela mão um garotinho, e na linguagem simples de sertanejo vai molemente puxando uma conversinha despretensiosa com os elementos da Figuração; pouco a pouco, colhia informes e mais informes sôbre todo o trabalho ali realizado... Acreditamos mesmo que só não lhe foi dado o Quadro da Figuração pela pressuposição de que êle seria analfabeto... Pois aquêlê sertanejo era um sagaz agente do 14º RI. Descoberta a trama, havia necessidade de retardar a tropa para dar tempo a se fazer nova montagem. Obtivemo-lo, danificando pontes que, segundo a Engenharia, só dariam passagem a viaturas depois de duas horas de reparos; e criando incidentes não previstos, que obrigassem a ponta e o escalão de reconhecimento a fazerem desbordamentos.

Êstes fatos trouxeram conseqüências e ensinamentos proveitosos, como no caso do destemido Ten do 7º Esq Rec Mec que, ao tomar conhecimento da inutilização da ponte sôbre o Capibaribe, viu-se na iminência de não cumprir a missão com seus carros de combate; então, desembarcou, procedeu a exaustivos reconhecimentos, reforçou como pôde um velho pontilhão abandonado, que servira a uma usina canavieira, e finalmente com o arrôjo natural da Arma, arrancou-se, indo surpreender inclusive a Arbitragem atenta, rompendo célere pela frente dos elementos da Figuração. Foi preciso tirá-lo de situação por algumas horas, para que a manobra pudesse prosseguir!

Doutra feita, preparava-se emboscada para a Artilharia. Ocultos nos canaviais, os guerrilheiros deixaram que passasse a Infantaria e, ao se aproximar o Grupo do RO, fizeram destruir a ponte, o que obrigou ao desembarque imediato dos elementos mais avançados. Um grupo de Oficiais aproximou-se para reconhecer o local, com isto descuidando-se um pouco da segurança, favorecendo aos guerrilheiros, sempre prontos a se aproveitarem de qualquer descuido. Neste caso, foi sômente à custa de ousada manobra de viaturas e de penosa, embora eficiente, ação da Segurança que os Oficiais do Grupo escaparam

de cair prisioneiros. Ficara contudo o ensinamento; e tôda falha, todo descuido, por menor que pudesse parecer, passou a receber imediatamente a sua sanção.

Não havia tempo morto sem ações imprevistas, já que a Arbitragem recebera poderes também de Figuração Inimiga valendo-se agora de sua onipresença junto a todos os escalões. Até mesmo a onda de boatos foi desencadeada, propagando-se pelos pacatos moradores dos arredores tal boataria que deu incrível trabalho para serem feitos os convenientes desmentidos. Era outra nova experiência trazendo um aspecto de guerra psicológica.

Seria exaustivo descrever as ações noturnas, quando, caracterizado o cêrco, esforçavam-se os guerrilheiros por rompê-lo. Sucederam-se pitorescos atos de magnífica improvisação, de ousadas ações de patrulhas, de curiosas tiradas de imaginação, criando-se situações de um realismo impressionante, nessa guerra difícil e plena de surpresas, imprevistos e sustos para ambos os partidos, como também para a Arbitragem.

Vale relatar uma ação levada a efeito contra uma viatura do rancho. Esta, meio fora de situação, conduzia o jantar quente para uma Cia Ref, quando foi apanhada, o que constituiu dura provação para os soldados, que só haviam enfrentado um "catanho" na ensolarada jornada nordestina que se findava. Foi o ensejo, que aguardávamos, para testar as palavras de Euclides, na sua descrição de resistência e do estoicismo dos valentes sertanejos.

Finalmente, dada a impossibilidade de rompimento do cêrco, que mais e mais se apertava, em ato desesperado resolveram os guerrilheiros vender caro a derrota e resistiram bravamente à ação de destruição. Nesse ato derradeiro, epílogo de duas estafantes jornadas, tivemos a esplêndida cooperação da FAB, bombardeando e metralhando redutos de Engenho de Aldeia, em eficaz e adequado trabalho de amaciamento, o qual juntamente com a massa dos fogos da nossa Artilharia, propunha-se a facilitar a árdua arrancada da "rainha dos campos de batalha". A Infantaria irrompeu resoluta, caminhando para a indispensável consolidação da vitória e a limpeza do terreno.

Eis, em resumo, alguns aspectos tirados dos nossos apontamentos. Aqui encerramos, afirmando convictos: exercícios desta natureza são atuais e necessários, pelo acervo de ensinamentos e de experiências que poderão propiciar, estimulando a imaginação, retemperando os nervos e preparando-nos, soldados e quadros, para os incertos dias de amanhã.

